

JUCELENE FAUSTINO GONÇALVES

**A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NA FORMAÇÃO DA
INFÂNCIA DO ASSENTAMENTO IRENO ALVES DOS SANTOS DE
RIO BONITO DO IGUAÇU**

RIO BONITO DO IGUAÇU

2007

**A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NA FORMAÇÃO DA INFÂNCIA
DO ASSENTAMENTO IRENO ALVES DOS SANTOS
DE RIO BONITO DO IGUAÇU**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Benedita de Almeida

CURITIBA

2007

*Aos meus pais, meu esposo e
filhos. Aos amigos, pessoas
especiais que sempre me auxiliaram
nesta caminhada e souberam fazer
a diferença.*

A **DEUS**, que me acompanhou durante esta jornada.
À orientadora, professora Benedita de Almeida, por ter acreditado
sempre na realização deste trabalho e estar presente nos momentos de
dificuldade.
À minha família, por ter me auxiliado nesta jornada.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar o papel e a importância da família e da escola na formação da infância e qual a relação dessas duas instituições nessa formação. A metodologia que a caracteriza é o estudo de caso que visa à descoberta. Ou seja, nesta pesquisa, os aspectos contextuais em que as relações entre família e escola se produzem, influenciaram e contribuíram para o próprio estudo e compreensão dessas relações. Para desenvolvê-la, os procedimentos utilizados foram a entrevista com as famílias e com os educadores e um estudo bibliográfico sobre a temática em questão. A pesquisa traz pressupostos teóricos que contribuem na compreensão histórica da concepção da infância e, neste contexto, sua relação com a família e a escola. Com esses fundamentos, apresenta uma análise dos resultados obtidos nas entrevistas, pela qual foram identificadas as representações das famílias e da escola sobre a formação da infância e as expectativas dessas duas instituições, uma em relação à outra. Nesse sentido, descreve as diferenças e aproximações entre tais expectativas, evidenciando como as duas instituições se comportam frente à formação da infância e qual o espaço concedido a essa formação. A análise dos dados demonstra uma infância negada, que não é respeitada e nem compreendida em sua totalidade. Por um lado, verificam-se famílias preocupadas com a garantia de um futuro melhor para os filhos, mas que não buscam dialogar sobre o presente dessa infância, como base para a realização dos anseios. Por outro, revela uma escola preocupada somente em alfabetizar seus alunos, sem contribuir no seu processo de formação. A partir das reflexões desenvolvidas na pesquisa foi possível mostrar a grande contradição que existe na relação escola e família na formação da infância e, assim, apontar encaminhamentos que tornem a relação família e escola mais favorecedora à formação da infância do campo. Indica a necessidade de um novo olhar sobre a infância, que a respeite nas suas especificidades, ressaltando o compromisso da escola e da família em assumirem seus papéis, construindo um processo real e viável para essa formação.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1. Uma viagem em resgate da infância: pressupostos teóricos | |
| 1.1 Infância e família na história | 14 |
| 1.2 Infância e escola | 18 |
| 1.3 Família e escola | 21 |
| 2. O Papel da família na formação da infância..... | 25 |
| 2.1 Representação dos pais sobre seu papel na educação dos filhos .. | 25 |
| 2.2 Organização da rotina diária: elemento de formação com o trabalho como principio educativo..... | 26 |
| 2.3 Concepção dos pais sobre a Importância da escola | 28 |
| 2.4 Perspectivas das famílias quanto ao papel da escola na formação da infância | 30 |
| 3. O papel da escola na formação da infância | 35 |
| 3.1 Concepção dos educadores sobre infância e sua importância | 35 |
| 3.2 Visão da escola sobre seu papel na formação da infância | 37 |
| 3.3 Visões da escola sobre o papel da família na formação da infância e a relação das duas instituições | 39 |
| 4. Olhares da escola e da família sobre a infância: considerações finais | 42 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 46 |
| ANEXOS..... | 48 |
| Anexo 1 – Organização das turmas e formação dos profissionais da escola | 49 |
| Anexo 2 – Roteiro das entrevistas com as famílias..... | 50 |
| Anexo 3 – Roteiro das entrevistas com os profissionais da escola..... | 51 |

INTRODUÇÃO

Na atuação por seis anos como educadora, venho observando o processo de ensino e aprendizagem escolar e vivenciando algumas de suas dificuldades. Na tentativa de identificar os problemas que ocorrem e de superá-los, tenho refletido muito sobre os motivos que os acarretam e que nem sempre permitem a nós, educadores, conseguir os resultados que esperamos na aprendizagem das crianças.

Como educadores – e aqui me refiro também ao grupo que integro, na escola –, a cada ano tentamos ao máximo fazer com que nossos educandos aprendam, pensando, não somente em conteúdos escolares, mas em um aprendizado que os ultrapasse, para formar sujeitos plenos, capazes de participar ativamente na sociedade e de transformar sua realidade.

Essa preocupação se intensificou, no momento atual, em que estamos trabalhando com a organização da escola pelos ciclos de formação humana. Nas discussões e análises da proposta nos ciclos a questão da formação humana é recorrente e destacada como fundamental para a atenção do educador. Mas será que temos consciência do seu significado real? E de como agirmos para que nossa atuação afete de forma favorável essa formação?

Minha história de educadora inicia com uma restrição contextual: a não permissão familiar para fazer o curso de minha opção, que era noturno, conduziu-me ao magistério, com o qual, em pouco tempo, passo a me identificar. Identificação que se amplia, principalmente quando começo a realizar os estágios em sala de aula. Assim, os quatro anos de curso foram muito bons. Aprendi muita coisa, e uma das aprendizagens fundamentais desse período foi que estudamos para trabalhar com seres humanos, não para lidar com máquinas.

Concluído o curso de magistério, trabalhei durante um ano como professora substituta, a cada semana numa escola diferente, o que me permitiu conhecer muitas realidades. Depois disso, um afastamento do trabalho educacional por cinco anos. Somente depois de seis anos do término do magistério é que prestei um concurso, fui aprovada e comecei a trabalhar numa escola do assentamento Marcos Freire, no município de Rio Bonito do Iguçu, lecionando para uma turma de segunda série, cujos alunos apresentavam muitas dificuldades. Muitos nem estavam alfabetizados, e alguns ainda residiam em acampamentos. Foi um ano muito difícil,

devido à minha falta de experiência. A turma precisava ter um trabalho muito elaborado para vencer as dificuldades, e isso exigia muito preparo do professor. O ano terminou, e consegui algumas vitórias, mas também identifiquei alguns limites, pela falta de conhecimento.

Durante o curso de magistério, a realidade tratada era urbana, e nunca foi discutida a idéia da escola do campo. O fato de iniciar a docência em uma realidade diferente da que fez parte da minha formação apresentou-me novos desafios e a necessidade de aprender a enxergar a escola com um novo olhar, conhecer a realidade dos sujeitos envolvidos, a sua história e integrar à prática docente o conhecimento sobre essa realidade.

Hoje, trabalho com uma turma de seis anos, do ciclo da infância, no assentamento Ireno Alves dos Santos, na Escola Rural Municipal Irmã Dulce, no município de Rio Bonito do Iguaçu. Sinto-me como se fizesse parte da comunidade, pois os cinco anos já ali trabalhando me possibilitaram conhecer as famílias, os alunos e sua história. É com o conhecimento dessa realidade que começo a refletir sobre o distanciamento entre a escola e a família, em relação à formação da infância. Embora perceba que ambas as instituições, família e escola, se preocupem com a questão, percebo também que falta diálogo entre elas. Os pais pouco participam do trabalho da escola; para eles só interessam os resultados finais. Podemos pedir-lhes que cobrem das crianças em casa, ou que as auxiliem, mas isso dificilmente acontece, pois nem sempre eles têm condições suficientes para isso. A escola, por outro lado, realiza as tradicionais reuniões de pais, mas também não abre espaço para discussões mais profundas sobre a infância.

Observo que muitos pais vêem a formação escolar de seus filhos como a garantia de um futuro melhor, sem grandes problemas, e que atribuem à escola toda responsabilidade dessa formação. No dia-a-dia, porém, mesmo que utilizemos os métodos mais eficazes, ocorrem problemas, cujas alternativas de solução ultrapassam o âmbito da escola que, sozinha, não dá conta de resolvê-los. Os pais, por sua vez, desconsideram que todas as situações da experiência infantil, dentro e fora da escola, influenciam no seu desenvolvimento. Portanto, nem sempre consideram a importância da participação da família nas questões de formação, para torná-los adultos conscientes de seu papel na sociedade.

É no contexto dessas reflexões que tomo como objeto de estudo na presente pesquisa **o papel e a importância da família na formação da infância do campo.**

Uma evidência que me faz refletir sobre a importância da família e de seu papel fundamental no processo de aprendizagem dos educandos refere-se à minha própria história pessoal: meus pais sempre foram figuras presentes na minha formação escolar, sempre me cobravam responsabilidade e acompanhavam o cumprimento das tarefas escolares e os resultados que obtinha na escola.

Parece-me que atualmente os pais se afastaram dessa relação e já não ajudam seus filhos, o que pode ser percebido pelas tarefas escolares, que quase sempre vêm sem serem feitas, e no desinteresse pela maneira como o professor conduz a educação das crianças. Reconheço que, à escola, cabe o papel específico do ensino intencional e sistemático, mas que há necessidade da participação da família no processo. Acredito que a participação dos pais na vida escolar das crianças torna-as mais seguras e responsáveis, e é essa hipótese que tomo como ponto de partida para a presente pesquisa, hipótese que, apesar de partir da minha experiência pessoal (empírica), por outro lado, fundamenta-se em estudiosos da educação, como, por exemplo, em Makarenko (1981), que afirma:

Todo pai e toda mãe devem saber claramente o que é que se propõe para a educação de seus filhos. Devem estabelecer primeiramente com clareza, quais são as suas aspirações com relação aos filhos. Observa-se com freqüência, total despreocupação nesse sentido: Os pais limitam-se simplesmente a conviver com seus filhos e acham que tudo será resolvido por si mesmo. Não tem propósitos claros e um programa definido. É lógico que em tais condições os resultados sejam sempre contingentes, e nada impede que mais tarde os pais venham a se assustar com os defeitos de seus filhos. Nenhuma tarefa pode ser realizada de forma completa se não se sabe quais são seus objetivos. (MAKARENKO, 1981, p. 21)

A pesquisa foi realizada na Escola Rural Municipal Irmã Dulce, situada na comunidade Água Mineral, Assentamento Ireno Alves dos Santos no município de Rio Bonito do Iguçu.

A escola conta com aproximadamente 150 alunos, distribuídos em uma turma de educação infantil, três turmas do ciclo da infância, duas turmas do ciclo da pré-adolescência e uma turma de jovens e adultos¹. Os alunos residem na comunidade de Água Mineral, Nossa Senhora Aparecida, Nova Conquista, pertencentes ao Assentamento Ireno Alves dos Santos e, para chegarem à escola, utilizam-se de transporte escolar, porque as propriedades ficam distantes. Mesmo utilizando o

¹ No anexo 1 apresentamos informações sobre essa organização.

transporte escolar, algumas crianças precisam caminhar longas distâncias até chegarem aos pontos de ônibus, forçando-se a saírem muito cedo de suas casas.

Essa Escola Municipal iniciou seu funcionamento no ano de 1999, num barracão de madeira improvisado. No ano de 2004 ganhou novas instalações, desta vez uma estrutura de alvenaria, que conta com cinco salas, biblioteca, secretaria, sala da direção, cozinha, almoxarifado, banheiros e área de serviço. Possui um amplo pátio coberto de grama na frente, não possui quadra de esportes, tornando difícil a realização das aulas de Educação Física pela falta de espaço apropriado. A escola é mantida pela Secretaria Municipal de Educação, que fornece transporte para as crianças e para os professores que residem na sede do município (todos os professores moram fora da comunidade escolar).

A escola funciona em dois turnos, matutino e vespertino. Conta hoje com doze profissionais: diretora, coordenadora pedagógica, secretário, cozinheira, três serventes e cinco educadoras. No Anexo 1, apresentamos quadro com uma síntese da formação profissional dos professores da escola e da formação das turmas.

Entre os recursos disponíveis, a escola conta com apenas um computador para uso da secretaria, uma televisão, vídeo e DVD para auxílio pedagógico e não possui telefone. Uma conquista da escola, nesses anos, e que merece destaque, trata-se de um parque infantil, construído com materiais alternativos (madeira e pneus), com ajuda de pais e educadores, o que trouxe um novo significado de escola para as crianças.

O objetivo central da pesquisa foi *analisar a relação da família e da escola no que tange à formação da infância, e qual a concepção dessas duas instituições sobre a criança e sua formação.*

Para efetuar essa análise, algumas questões importantes acompanharam o processo:

- *Quais são as representações das famílias sobre a formação da infância?*
- *Quais são as representações dos profissionais da escola sobre a formação da infância?*
- *Que expectativas têm as famílias em relação à escola, na formação da infância?*
- *Que expectativas tem a escola em relação às famílias, sobre a formação da infância?*
- *Quais são as relações (aproximações, diferenças, problemas etc.) entre as*

expectativas da família e as da escola sobre a formação da infância no campo?

Na realização dessa pesquisa, direcionamos o foco a uma turma do segundo ano do ciclo da infância, do ano de 2007, que possuía 28 alunos, na faixa etária de seis e sete anos. A maioria reside com os pais, e uma pequena parcela reside com os avós. São crianças que, na maioria das vezes, dividem seu tempo em ir para a escola e ajudar seus pais nas tarefas domésticas, inclusive as relacionadas ao campo, como ajudar a cuidar dos animais. Seu momento de lazer se restringe, na maioria dos casos, a assistir à televisão, já que saem muito pouco de casa, devido à distância da cidade. Quando os pais vão à cidade, elas não os acompanham, devido ao pagamento de passagem. Assim, só saem de casa para ir à escola, tornando-a o único espaço diferente que podem freqüentar.

Também foram entrevistadas 10 famílias desses alunos. Dada a dificuldade de estabelecer contato com todas, tentou-se selecionar algumas famílias² que pudessem caracterizar a realidade envolvida. Não foi possível estabelecer contato com todos, em primeiro lugar, pelo próprio acesso às famílias, que moram distante da escola. E também porque nem todas se dispõem a sair de suas casas para falar de sua relação com os filhos. Acreditam ter coisas mais importantes para fazer, utilizando geralmente a desculpa de que o trabalho na roça não pode esperar. Assim, foram escolhidas famílias (1) cujo responsável era o pai, (2) que os avós eram os responsáveis e (3) famílias com o pai e a mãe como responsáveis.

Na escola, foram entrevistados o professor responsável e os demais profissionais envolvidos com a turma (diretora, coordenadora pedagógica, professora estagiária da turma de educação infantil e a professora que sempre trabalha com turmas do ciclo da infância).

As famílias dos alunos sobrevivem da agricultura e da produção de leite. São pessoas que lutaram muito para conquistar seu pedaço de terra e que lutam até hoje para conseguir dela retirar sua sobrevivência. Existem algumas famílias que ainda não possuem terra e, por isso, trabalham na terra de parentes ou amigos. Não se trata de uma vida fácil. Pelo contrário, essas famílias enfrentam grandes batalhas para conseguir se manter, pois, no assentamento, as coisas demoram a ser organizadas. São estradas que precisam ser feitas e que precisam de manutenção para que os filhos consigam chegar até à escola e que seus produtos possam ser

² Nesta pesquisa, o termo família refere-se aos responsáveis pelas crianças, em suas casas, sejam eles pais, tios, avós ou outras pessoas.

retirados do campo. É a luta por recursos que auxiliem para a realização do plantio das roças, entre muitas outras. Portanto, é uma realidade marcada pela luta diária por uma vida digna, que permita aos sujeitos envolvidos se orgulhar do lugar onde moram. Outro dado é que possuem baixo nível de escolarização e conseguiram, no máximo, chegar à conclusão do ensino fundamental.

Considerando que o processo de condução desta pesquisa “reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51), ela se caracterizou como uma pesquisa qualitativa. Ou seja, as concepções do pesquisador foram recursos relevantes na interpretação e análise dos dados, o que demandou cuidadosos esforços na seleção e estudo da literatura de fundamentação.

Na pesquisa qualitativa,

A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. (LÜDKE e ANDRÉ 1986, p. 12)

A metodologia selecionada permitiu revelar o significado das relações entre a família e escola na formação da infância, pela análise de sua dinâmica nas condições de realização, suas relações e contradições com o contexto. Permitiu também identificar possíveis contribuições dessas relações para os avanços em relação ao currículo, ao trabalho do educador, ao desempenho dos alunos na aprendizagem escolar e ao desenvolvimento do senso crítico e participação social.

Dentre os diversos tipos de pesquisa qualitativa, optamos pela realização de um **estudo de caso**, porque, conforme Lüdke e André (1986), ele visa à descoberta. O estudo de caso considera o quadro teórico definido para a estrutura do trabalho, mas pressupõe a atenção constante do pesquisador para os elementos novos que possam emergir durante a pesquisa. A preocupação com o contexto de ocorrência do fenômeno estudado é fator relevante neste tipo de estudo, pois ele visa especialmente à “compreensão de uma instância singular”, tratando o objeto de estudo como “único” e “como tendo um valor intrínseco”, situado, porém, numa realidade “multidimensional e historicamente situada”.

Ou seja, nesta pesquisa, os aspectos contextuais em que as relações entre família e escola se produziram influenciaram e contribuíram para o próprio estudo e compreensão dessas relações.

Foi necessário definir alguns procedimentos que orientassem nossos movimentos na perseguição dos objetivos propostos, entre os quais destacamos:

- Realização de entrevistas com as famílias, com o objetivo de conhecer suas representações sobre a temática e o papel que atribuem a si e à escola na formação da infância. Como concebem as atribuições que são de sua competência e as de competência da escola nessa formação (Anexo 2)?
- Realização de entrevistas com os profissionais da escola, visando ao conhecimento e expectativas dessa instituição, sobre a questão (Anexo 3).
- Estudos de bibliografia especializada sobre as temáticas em questão.
- Análise das informações obtidas nos procedimentos de pesquisa.

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro, apresentamos contribuições teóricas sobre a história da infância, o espaço que ocupava na sociedade e que ocupa hoje. O papel da família na formação da infância, o espaço que a escola deve oferecer para a formação da mesma e como deve ser a relação dessas duas instituições no processo de formação da infância.

No segundo, trazemos nossa análise acerca da concepção das famílias sobre a infância, o que consideram ser de sua competência e da escola no que tange à formação da infância, e qual o espaço que a escola oferece para sua participação.

Explicitamos, no terceiro capítulo, uma análise da concepção de infância apresentada pelos educadores: qual a importância que a escola atribui para a infância, seu papel na formação da mesma e a relação que possui com as famílias nas discussões sobre a formação da infância.

Nas considerações finais, apontamos alguns encaminhamentos que favoreçam a relação escola e família, que melhorem o diálogo entre essas duas instituições no sentido de promover um processo verdadeiro de formação da infância.

1- UMA VIAGEM EM RESGATE DA INFÂNCIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1- Infância e família na história

Iniciamos nossas reflexões, remetendo-nos ao significado e conceito de infância. Segundo Friedmann (2005), etimologicamente, o termo "infantia" significa a dificuldade ou incapacidade de falar. Infante é aquele que não fala. A infância é o símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade. Criança é o novo.

Para contextualizar a criança à qual nos referimos neste trabalho, é importante, primeiramente, traçar um panorama das idéias sobre criança que perpassam a sociedade. Assim, ao revisitar esse campo de estudo, verificamos diferentes caminhos para a definição do "ser" criança, delineados conforme as expectativas e atitude dos adultos frente a ela. Principalmente, verificamos as relações construídas entre infância e educação.

De acordo com Irene Prestes (2001), falar de educação é falar em desenvolvimento infantil, do modo como esse processo de evolução e de transformação ocorre no ser humano. De como a criança cresce e se desenvolve sob a interferência de um estatuto socioeconômico, da descendência étnica e cultural de seu meio familiar e sob um estatuto psíquico, no qual está imersa no campo da linguagem e da representação simbólica. O desenvolvimento do ser é complexo e distinto nos seus vários aspectos: físico, cognitivo, social e psíquico.

O historiador Phillip Ariès (1981) ressalta que a infância entrou na história pela educação, já que a criança e a escola surgem ao mesmo tempo. Tendo a criança e a família como objetos de suas reflexões, o autor passa da interpretação da sociabilidade tradicional à compreensão das modernas sociedades industrializadas, procurando traçar paralelos entre a visão que se tinha da criança na Idade Média e as mudanças que ocorreram no início dos tempos modernos.

No período de 1500 a 1600, não havia distinção entre criança e adulto. Naquela época, assim que deixava de ser amamentada, a criança era introduzida no mundo dos adultos. Prova disso está nas diversas vezes em que o autor se reporta à iconografia para apresentar a imagem da criança medieval, geralmente vestida ou mesmo desenhada como se fosse um adulto, com características absolutamente distintas do comportamento ou tratamento que damos à criança hoje. Phillip Ariès (1981) mostra que, inicialmente, até o traje das crianças se confundia com a

vestimenta dos adultos.

Podemos depreender, portanto, que, nessa época, a infância não era considerada importante e não se levava em conta suas especificidades, por isso não se fazia nada pensando nela.

A partir de 1600, constatam-se as primeiras transformações, no sentido de reconhecer a posição da criança, como sendo diferente e distinta da posição do adulto. Outro exemplo é observado na separação dos ambientes freqüentados pelas crianças. Nas conversas entre adultos, as crianças não participavam, e havia o cuidado de não as tomar como objetos de piada e de gozação do adulto.

No período de 1700 a 1800, observa-se um salto qualitativo nas preocupações com a criança. Verifica-se, no período, o desenvolvimento da Medicina, da Puericultura, nos cuidados com a criança, e da Psicologia do Desenvolvimento. Com isso, processa-se uma progressiva valorização do status concedido à criança.

Phillip Ariès (1981) mostra-nos um desenvolvimento da noção de escola, bem como de sua responsabilidade, admitida na formação da criança e do jovem, principalmente a partir do século XIX, quando as concepções de criança e a preocupação com a sua formação começaram a ser assunto de discussão social.

A partir do século XX, começou a se estabelecer uma maior relação entre idade e organização das crianças em grupos de mesma faixa etária, agrupadas nas denominadas classes ³, uma classificação, cuja manutenção se tornou praticamente uma exigência, justamente por essas diferenças e pela própria preocupação com a formação da criança. Como apresenta o autor,

Tratava-se, agora, de despertar na criança a responsabilidade do adulto, o sentido de sua dignidade. A criança era menos oposta ao adulto (embora se distinguísse bastante dele na prática) do que preparada para a vida adulta. Essa preparação não se fazia de uma só vez, brutalmente. Exigia cuidados e etapas, uma formação. Esta foi a nova concepção da educação, que triunfaria no século XIX. (ARIÈS, 1981, p.182)

Somente no século XX é que se verifica a mudança de paradigma no tratamento infantil, passando a criança a ser objeto de investimento sócio-político-cultural. Desenvolvem-se novas atitudes no contexto familiar, desde a gestação até o nascimento. A infância e a adolescência passam a alvos também do interesse das

³ No texto o termo classe refere-se ao conjunto de indivíduos nascidos no mesmo ano civil.

políticas sociais. Resultam, portanto, visíveis alterações na condição social da criança, a preocupação com sua escolarização, com o fracasso e a evasão escolar, com o trabalho e a prostituição infantil, bem como é dada maior atenção à violência e ao abuso no contexto familiar. Questiona-se também a competência dos pais para educar os filhos.

Irene Prestes (2001) argumenta que o lugar da criança não é mais de privilégio, pois parece que a infância aponta para um mal estar na sociedade, para a definição de formas de como lidar com a criança, sendo necessário um resgate dessa infância. Nesse movimento, ocorre um declínio do poder da figura paterna e um incremento nas ações jurídicas e de assistência social, em nome de uma suposta "preocupação com a criança". Em 1991, no Brasil, foi proposto o Estatuto da Criança e do Adolescente, documento que apresenta o direito dos sujeitos dessa faixa etária, ameaçados por uma família e uma sociedade.

Por outro lado, a criança também passou a ser foco do olhar de uma sociedade de consumo. O que parece hoje é que a relação da criança com o outro, no processo de educar, revela-se ambígua e contraditória. Já não se tem um saber sobre como tratar bem as crianças, considerando os vínculos familiares e sociais e as necessidades desses sujeitos em formação.

Se olharmos a situação da infância neste início de século, verificamos um retrato heterogêneo, com crianças passando por diversos problemas de saúde, como, por exemplo: depressão, problemas de sono, falta de qualidade na alimentação etc. Observamos, por outro lado, crianças muito inteligentes capazes de lidar com as tecnologias que a mídia apresenta, estimuladas o tempo todo, pelo ambiente cultural. Por isso, cresce a necessidade de conhecer mais sobre a infância, para podermos compreendê-la e contribuir ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

Estamos em busca de compreensão da infância, tarefa que não é fácil. Isto significa dizer que, enquanto tentamos concluir nossas hipóteses, a infância já mudou. É necessário, portanto, aproximar-se da criança real, examinar suas condições objetivas de vida, conhecer suas hipóteses e seus desejos. Para Adriana Friedmann (2005), a nossa sociedade está abafando a alma, o ser das crianças, está tirando-lhes a oportunidade de serem elas mesmas. Essas reflexões nos apontam para a pertinência deste estudo que realizamos.

Hoje há necessidade de uma retomada da responsabilidade familiar que,

outrora, era tão evidente em nossos lares. Observamos que a escola está fazendo, muitas vezes, o papel dos pais ou responsáveis e que não está preparada para atender essa demanda. Nessa perspectiva, vale destacar as palavras de um estudioso da educação da infância:

A paternidade não se reduz à educação dos filhos e não deve ser um motivo de alegria pessoal. O filho que se forma sob nossa orientação é o futuro cidadão, o homem que participará ativamente na vida social, o lutador. Se educarmos mal, o prejuízo não será unicamente nosso, mas também do país. Quando em nossa fábrica ou estabelecimento produzimos artigos inferiores, envergonhamo-nos deles. Quanta razão a mais teremos para nos sentirmos envergonhados no momento em que produzimos para a sociedade homens deficientes ou maléficos. (MAKARENKO, 1981, p.21)

Essa afirmativa do autor nos leva a refletir sobre a presença, nas famílias contemporâneas, da consciência de seu papel na formação da infância. O que é possível observar hoje são mudanças na estrutura familiar, tais como: precocidade da maternidade, aumento das famílias reestruradas⁴, incremento do número de lares sem crianças. As transformações na estrutura familiar põem a descoberto o caráter místico de algumas teses do senso comum que vêem no núcleo familiar o espaço problemático e natural de proteção e promoção do desenvolvimento das crianças.

Percebemos que, com as mudanças ocorridas na estrutura familiar, a educação dos filhos assume um caráter de maior permissividade junto aos pais, que permitem maior liberdade aos filhos, esquecendo-se de que eles necessitam de apoio e educação. E educação implica o aprendizado e a convivência com limites. Nesta dinâmica familiar, temos visto a crescente "crise de gerações", a dificuldade no relacionamento pais/filhos para o estabelecimento de laços familiares saudáveis e baseados na confiança, condições essenciais para o processo educativo.

"O sentimento da família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior: ele exige o mínimo de segredo" (ARIÈS 1981, p. 238). A família precisa refletir sobre o lugar, a função e o dever que lhe é designado de educar os filhos. As circunstâncias, necessidades e escolhas colocam as pessoas em papéis e situações particulares. Os pais têm o desafio de transformar os laços familiares, o amor, a parceria com os filhos, em uma experiência produtora de desenvolvimento para os dois lados.

⁴ Família reestruturada significa nova formação de estrutura tradicional familiar (pai, mãe e filhos), pois se encontram famílias formadas por mãe e filhos, avós assumindo o papel de tutores das crianças e casais separados formando novas famílias.

Em uma realidade em que o consumismo, a cada dia, vem tomando proporções gigantescas, muitos desastros são vistos. Muitos têm origem no contexto familiar. A família aparece como alicerce, participa do crescimento pessoal da criança, interessando-se por seu “aprendizado” intelectual, e a escola como colaboradora deste crescimento. Ambas precisam respeitar as características individuais que contribuem para a eficácia do processo de ensino e aprendizagem.

Os pais precisam ter certeza de que educar é importante. Precisam aprender a compreender que as crianças somente respeitarão seus limites se aprenderem quais são seus limites (corporal e psíquico). É preciso acreditar que transmitir limites, valores, desejo ao filho é iniciar o processo de compreensão do outro e de inserção da criança no mundo social.

Segundo Makarenko (1981), é preciso meditar com um pouco mais de seriedade sobre esse problema, para percebermos sua importância, e deixar de lado muitas das conversas supérfluas sobre educação, como também decidir rapidamente o que deve ser feito. Mas nem todos os pais refletem sobre esse problema. Amam seus filhos, gostam de sua companhia e se sentem orgulhosos deles, mas se esquecem completamente da sua responsabilidade moral para com a formação do futuro cidadão.

1.2 - Infância e escola

A escola assume um papel importante na formação dos sujeitos, e não é possível falar de escola sem falar de educação, que, na perspectiva de Saviani (1991), é o processo através do qual o homem traduz a sua existência no tempo. No princípio, o homem agia sobre a natureza coletivamente, e a educação coincidia com o próprio ato de agir e existir, com o trabalho, portanto. O fato de viver era o fato de formar homem, de se educar.

A partir do momento em que a apropriação da terra – que era, então, o meio de produção fundamental – assume a forma privada, surge a classe dos proprietários. Por deterem a propriedade da terra, colocavam para trabalhar aqueles não-proprietários. Sobre essa base, constitui-se o modo de produção antigo ou escravista, no qual os escravos trabalhavam para produzir sua existência e a dos seus senhores. Esta propriedade privada da terra, que ocorre tanto no modo de produção antigo ou escravista, quanto no modo de produção medieval ou feudal, propicia o surgimento de uma classe ociosa, que não precisa trabalhar para

sobreviver, porque o trabalho de outros garante também a sua sobrevivência. É aí que podemos localizar a origem da escola.

Escola, em grego, significa “o lugar do ócio”. O tempo destinado ao ócio. Aqueles que dispunham do lazer, que não precisavam trabalhar para sobreviver, tinham que ocupar o tempo livre, e esta ocupação do ócio era traduzida pela escola. Na Idade Média, evidenciou-se a expressão latina *otium cum dignitate*, o “ócio com dignidade”, isto é, a maneira de se ocupar o tempo livre de forma nobre e digna.

Nesses dois tipos de sociedade, antiga ou escravista e medieval ou feudal, havia uma diminuta classe de proprietários e uma grande massa de não-proprietários, e a escola aparecia como uma modalidade de educação complementar e secundária.

Conseqüentemente, a partir da época moderna, o conhecimento sistemático - a expressão letrada, a expressão escrita - generaliza-se, dadas as condições da vida na cidade. Eis por que é na sociedade burguesa que se vai colocar a exigência de universalização da escola básica. Há um conjunto de conhecimentos básicos que envolvem o domínio dos códigos escritos, que se tornam importantes para todos.

Com o advento desse tipo de sociedade, a forma escolar da educação se generaliza e se torna dominante.

Na sociedade atual, pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola, porque a escola é a forma dominante e principal de educação. Assim, para compreenderem-se as diferentes modalidades de educação, exige-se a compreensão da escola. Em contrapartida, a escola pode ser compreendida independentemente das demais modalidades de educação.

Com essas reflexões e análises sobre a origem da escola, procuramos fundar e objetivar historicamente a compreensão da questão escolar, a defesa da especificidade da escola e a importância do trabalho escolar como elemento necessário ao desenvolvimento cultural, que concorre para o desenvolvimento humano em geral. A escola é, pois, compreendida com base no desenvolvimento histórico da sociedade. Dessa forma, torna-se possível a sua articulação com a superação da sociedade vigente, em direção a uma sociedade sem classes. É preciso, pois, resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar.

A partir de Charlot (2000), é possível concluir que:

A educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com ajuda. A educação é produção de si por si mesmo, é o processo através do qual a criança se constrói enquanto ser humano, social e singular, na mediação com os sujeitos e elementos da cultura. Ninguém poderá educar-me se eu não consentir, de alguma maneira, se eu não colaborar; uma educação é impossível, se o sujeito a ser educado não investe pessoalmente no processo que educa. Inversamente, porém, eu só posso me educar numa troca com os outros e com o mundo; a educação é impossível, se a criança não encontra no mundo o que lhe permite se construir. (CHARLOT, 2000, p. 51-54)

Segundo o autor, toda educação supõe o desejo, como força propulsora que alimenta o processo. Mas só há força de propulsão porque há força de atração: o desejo sempre é "desejo de"; a criança só pode construir-se porque outro e o mundo são humanos e, portanto, desejáveis.

Chega-se à mesma conclusão raciocinando-se a partir dos educadores e da sociedade que têm o projeto de formar a criança. Como afirma Charlot (2000), para reproduzir-se devem produzir filhos; engendrá-los, mas também produzi-los como seus filhos, membros de uma sociedade num momento da história. Essa produção, no entanto, apresenta um caráter imediato do processo, processo que os educadores só podem conceber e mediar. Cabe, assim, aos educadores e até mesmo à sociedade mediar o processo de formação da criança, consciente de que ela refletirá as ações que sofrer nesse processo.

De acordo com Miguel Arroyo, "o tempo da escola produz a infância como categoria social e cultural não apenas ensina e educa a infância" (ARROYO, 2004, p. 202).

Analisamos acima o papel da escola na educação, mas será que ela está preparada para lidar com essa infância de que estamos tratando? Uma infância desrespeitada. Cabe à escola compreender essa infância respeitando seus tempos e seus espaços. Criança precisa de escola que propicie seu desenvolvimento, com espaços que atendam suas necessidades, educadores conscientes de seu papel nessa formação. Dessa forma, a escola poderá afirmar que respeita a infância, caso contrário, veremos um cenário em que a criança mais uma vez é deixada de lado, e outros aspectos serão privilegiados.

Quando falamos em infância na escola, não podemos deixar de considerar suas especificidades e pensar em como organizar uma escola feita para a infância, preparada para atendê-la. Nessa perspectiva, a grande dúvida está em ensinar

somente ou também formar?

É importante destacar o que estamos considerando como formação humana. Com base nos estudos de Elvira Souza Lima (2002), trata-se do processo de desenvolvimento do ser humano que é de ordem biológico-cultural, se realiza segundo os parâmetros estabelecidos pela genética da espécie e é função da cultura. Isto faz com que os períodos do desenvolvimento marcados por características distintas uns dos outros, primeiramente, não sejam regulares como cronologia do calendário, em que cada ano tem sempre 12 meses. Os períodos de formação humana têm duração variável. No período de maturação biológica da espécie, que dura mais ou menos vinte anos do calendário, temos, por exemplo, que, na infância, os períodos são mais curtos, quanto mais nova for a criança.

O que define a mudança de um período de formação não é, portanto, o aniversário da pessoa (definido pelo calendário). São o crescimento físico, os processos de maturação biológica e desenvolvimento psicológico que o acompanham, as formas de comunicação, de construção de significado, de expressão, o desenvolvimento das funções psicológicas, tais como a atenção, a memória, a percepção, a imaginação e as formas de pensamento.

Segundo Miguel Arroyo (2004), o termo formação nos chama a atenção para a rica trajetória desse direito, que muitas vezes foi negado pela escola e que precisa ser resgatado para que nossa infância possa se desenvolver plenamente.

De acordo com o autor:

A construção da forma escolar participa de maneira central da instauração de uma nova relação com a infância, de uma nova forma de socializar. A criança é constituída como um ser específico que surge de uma ação específica, distinta das outras atividades sociais, e que chamamos de educação. A separação da infância, que se realiza preferencialmente nas escolas, é uma separação social que constitui uma categoria etária, progressivamente desmembrada em subcategorias, sobre a qual deve ser exercida a ação educativa, ação especializada que requer competências específicas. (THIN, 2006, p.219)

Segundo Miguel Arroyo (2004), devemos conhecer como vivem as crianças, como se socializam, que valores aprendem, que cuidados precisam, que proteção têm. Temos que entender muito mais sobre o desenvolvimento humano. Teríamos que estudar como se processa o desenvolvimento no cérebro de uma criança em cada tempo. Depois, teríamos que saber coisas específicas para trabalharmos os valores da infância.

1.3 - Família e escola

A preocupação com a educação instala-se no seio da sociedade com as mudanças sócio-político-culturais ocorridas durante o século XX, pelas quais as pessoas foram aprendendo a respeitar, a dar lugar, a dar voz às crianças, mas essa atitude não foi sempre vigente nas relações educativas com o infante, mostradas anteriormente na história social da criança. Em muitos casos, surgiram problemas em relação a essa nova forma de relacionamento familiar. Alguns têm dificuldades em colocar em prática essa outra forma de educar.

Nesse âmbito, podemos dizer que, no contexto atual, discute-se a necessidade da escola cumprir sua função social, trabalhar os valores mais gerais, envolvendo situações problemáticas atuais e urgentes, visando à emancipação do sujeito no processo de escolarização.

Anton Makarenko (2002) condena o modo pelo qual a escola se relaciona com as famílias. Geralmente os pais são chamados apenas quando os filhos apresentam problemas de aprendizagem ou de disciplina, e nesses encontros são acusados de não educarem seus filhos. Não seria a escola que estaria falhando na educação de seus alunos, inclusive porque, ao invés de auxiliar os pais, estaria responsabilizando-os pelo fracasso dos filhos? Qual seria a esfera da educação da escola? Qual seria a esfera da educação da família?

De acordo com o autor, a educação familiar deveria ser estruturada, tomando a escola como princípio organizativo. A escola deveria cumprir o papel de orientar a família. Assim, muitos dos objetivos comuns da formação da criança deveriam ser discutidos entre pais e professores, criando a cada momento diferentes estratégias educacionais, tanto em casa quanto na escola.

A forma escolar é constituída no decorrer de um longo processo histórico, como forma de relações sociais e de socialização que, sem ser completamente homogênea, partilha certo número de traços articulados entre si e que caracterizam uma maneira de socializar que se impôs como predominante em várias sociedades modernas.

Para Lev Vygotski (1992), um dos principais defeitos da prática educativa é a separação dos aspectos intelectuais, de um lado, e os afetivos de outro, pois o funcionamento psicológico tipicamente humano, segundo ele, é intelectual e afetivo.

Daí decorre a importância dos laços familiares e que antecedem os laços escolares.

Por tais razões observamos que, para a criança se desenvolver, é preciso que a afetividade esteja equilibrada, já que no âmbito escolar, o grande pilar afetivo é constituído pela família, na qual a criança haure as experiências e vivências que leva consigo para o mundo escolar.

Segundo Celso Vasconcelos (1994), as relações entre a escola e a família têm se modificado muito nas últimas décadas. Neste período, a escola mudou; a família mudou. Há que se considerar, no entanto que, sobretudo, a sociedade mudou. Poderíamos apontar a transição de uma fase em que a família confiava plenamente na escola, estabelecendo até uma cumplicidade de uma para outra instituição, para uma fase em que a família passa, de um lado a criticar a escola e, de outro, contrariamente, a transferir-lhe suas responsabilidades.

Como afirma Sarmiento (2004):

Podemos observar que a escola se toma cada vez mais o palco das trocas e disputas culturais. A multiculturalidade contemporânea não se faz sem a disputa das instâncias que procuram estabilizar princípios de justificação educacional. A escola da segunda modernidade, de massas, heterogênea e multicultural, radicalizou o choque cultural entre cultura escolar e as diversas culturas familiares de origem dos alunos de proveniência social e ética diferenciadas, o que repercute na "turbulência" dos contextos organizacionais de ação educativa em indicadores de insucesso escolar. (SARMENTO, 2004, p. 16)

Nesse sentido, é preciso que a escola recupere seu papel na formação da infância, e que se superem os jogos de empurra-empura pelos quais a família coloca na escola as responsabilidades pelos problemas com o filho e vice-versa. Como nos deixa claro Celso Vasconcelos (1994), é necessário que cada setor assuma o compromisso de suas responsabilidades, articulado com as demais, cobrando que todos as assumam.

Segundo Maria de Carvalho (2000), no Brasil, a relação família-escola tem sido pouco estudada, embora o dever de casa também faça parte de nossa tradição educacional. Reconhece-se que os baixos níveis de escolaridade e renda de sua clientela desestimulam tanto a participação dos pais nas reuniões escolares quanto à adoção de deveres de casa. No contexto atual, o envolvimento dos pais na escola precisa ser recuperado, a gestão escolar necessita melhor compreensão acerca da relação com as famílias, não sendo o dever de casa o único vínculo entre família e escola.

A autora afirma que a fórmula da relação família-escola seria a seguinte: mais envolvimento dos pais em casa equivale a maior aproveitamento e permanência na escola por parte dos alunos, mais participação dos pais na escola resulta em melhores escolas.

Para tanto, é necessário que escola e família assumam seu papel na formação da infância, pois como afirma Tânia Fortuna (2005), os adultos continuam sendo importantes para a criança, mesmo quando não assumem seu papel de modo consciente. O futuro da infância depende de que a família contribua no seu processo de formação, preocupando-se em orientá-los no dia-a-dia, mostrando-lhes como devem comportar-se frente ao mundo que o cerca, respeitando-os como sujeitos capazes de produzir cultura. Por outro lado, a escola precisa respeitar as especificidades dessa infância, promovendo um espaço favorável ao seu desenvolvimento, mantendo assim um diálogo com as famílias que contribua para melhorar o processo de formação da infância. Dessa forma, poderemos verificar um resgate da infância que, por muito tempo foi esquecida.

2 - O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DA INFÂNCIA

Neste capítulo apresentaremos uma análise sobre o papel e a importância da família na formação da infância e qual a relação da escola nessa formação. Para chegarmos à análise, foram investigadas as expectativas das famílias sobre a formação da infância, sobre o que acreditam ser de sua responsabilidade, o que almejam com essa formação e qual a relação dessas expectativas com a formação proposta pela escola.

2.1- Representações dos pais sobre seu papel na educação dos filhos

Solicitados a explicitar o próprio papel na educação dos filhos, a maioria dos pais apresentou o educar como sua principal função. Dos 10 entrevistados, 8 fizeram essa afirmação. Para os pais, educar significa ensinar a criança a respeitar as pessoas, ter responsabilidade, valorizar o trabalho, para que no futuro se torne uma boa pessoa.

Os pais priorizam a questão dos valores no significado da educação, mencionando o ensinar a ter respeito e responsabilidade 4 vezes. Colocam, também, como sua responsabilidade, ensinar o discernimento entre o certo e o errado.

Um termo usado pelos pais é ensinar a criança a ser “bem educada”, entendido como: não ser uma criança briguenta, não dizer palavrões, respeitar as pessoas.

Em suma, para os pais, o mais importante é que os filhos se tornem pessoas boas, de bom caráter, que visem ao trabalho como um caminho para o futuro.

Como afirma Makarenko (1981):

A educação das crianças é a tarefa mais importante da nossa vida. Nossos filhos são os futuros cidadãos do país e do mundo. Eles serão os forjadores da história. São os futuros pais e mães e, ainda mais, serão os educadores de seus filhos. Devemos empenhar-nos para que se transformem em excelentes cidadãos, em bons pais. Uma educação correta nos propiciará uma velhice feliz, enquanto que uma educação deficiente será para nós uma fonte de amarguras e de lágrimas, além de nos tornar culpados diante de todo país. (MAKARENKO, 1981, p. 17)

Podemos verificar que os pais se orientam por essa perspectiva. Observamos que eles se preocupam com a formação cidadã de seus filhos e acreditam que, dando aos filhos uma boa educação, formarão indivíduos bem educados.

Diante das informações, é possível verificar que eles sabem de suas responsabilidades na formação da criança, que conhecem o papel que exercem na educação dos filhos para a formação como indivíduos responsáveis, equilibrados e participativos em relações sociais saudáveis e solidárias. Não significa, porém, que suas ações os levem aos resultados esperados. Talvez isso não ocorra por falta de tentativas, mas por falta de conhecimento sobre as formas mais favorecedoras para a educação das crianças. Nesse caso, a falta de diálogo dos pais sobre infância impede que avancem no processo de formação da mesma. À medida que a sociedade se modifica, é necessário que sejam revistos o modo como se educam as crianças. Geralmente, a maneira de educar os filhos é passada de geração para geração, sem ser discutido se esta educação obterá os mesmos resultados que teve no passado, já que vivemos outro momento, outros contextos, outras relações socioculturais. Nesse sentido, essa pode ser uma das causas por que os pais não conseguem alcançar os resultados esperados. É necessário que repensem qual é a infância que estão formando e qual momento a sociedade está passando.

2.2- Organização da rotina diária: elemento de formação com o trabalho como princípio educativo

Não devemos ser apenas pais e tutores dos filhos, mas ainda organizadores da sua vida, portanto, "o crescimento e a educação das crianças são um assunto importante e sério, carregado de uma terrível responsabilidade, um assunto difícil, sem dúvida, e que é impossível resolver com simples sorte de predestinação". (MAKARENKO, 1981, p. 24)

Cabe aos pais organizar a rotina de seus filhos, preocupando-se com o que fazem no dia-a-dia, acompanhando suas atividades. Quando conseguem realizar essa tarefa, poderão estar atentos a como se comportam os filhos. E crianças precisam de um adulto que ajude e ensine a organizar sua vida. Sozinhas, podem não ser capazes de realizar seus compromissos.

Como podemos verificar a seguir, na busca de resultados para a formação das crianças, os pais afirmam que encaminham o dia-a-dia de seus filhos da seguinte maneira:

- 1 família disse que determina as tarefas do dia;
- 6 famílias afirmaram que as crianças ajudam nas tarefas de casa sem terem tarefas pré-determinadas;
- 3 destacaram que as crianças têm horário para brincar.

Um aspecto importante a ser destacado é o caráter educativo que os pais atribuem às tarefas domésticas. Mesmo não pré-determinando essas tarefas, a maioria comenta que as crianças fazem serviços domésticos “para irem aprendendo”. Trata-se de tarefas simples, como dar água e comida aos animais, lavar a louça, recolher lenha etc., mas que, para eles, são tarefas de grande importância. Como afirma Makarenko (1981):

A preparação familiar é justamente a que tem maior importância na qualificação futura do indivíduo. A criança que recebe, no seio da família, uma educação correta, voltada para o trabalho, empreenderá logo, com maiores perspectivas de êxito, sua preparação especializada. E as crianças que não receberam nenhuma educação para o trabalho em seu lar, não poderão alcançar nenhuma qualificação, sofrerão freqüentemente fracassos e serão maus trabalhadores, se os estabelecimentos estatais não conseguirem corrigi-los. (MAKARENKO, 1981, p. 59 e 60)

Para os pais, a participação das crianças na execução de tarefas domésticas começa cedo, porque os pais acreditam que elas precisam ter responsabilidades, caso contrário, quando crescerem, não terão compromisso com nada. Para eles, ensinar a fazer pequenas tarefas faz parte de uma boa educação. Acreditam que, assim, as crianças começam a valorizar os esforços de seus pais, pois percebem que não se conseguem algo sem que se esforcem.

Nesse sentido, podemos perceber a importância das crianças terem uma rotina organizada em casa. A criança que tem uma vida sem regras acostuma-se a isso, e esse comportamento se reflete em outros ambientes, como a escola, por exemplo. Essa talvez seja uma das tarefas mais importantes dos pais.

É importante considerar que conhecemos a polêmica que essa discussão provoca, dado o fato de que as atividades das crianças possam ser consideradas como exploração do trabalho infantil. Ressaltamos, contudo, que, com fundamentos em Makarenko (1981), as ocupações da criança no ambiente doméstico e familiar, relacionadas à participação na organização e cuidado da casa ou de seus objetos pessoais são importantes elementos educativos.

2.3- Concepção dos pais sobre a importância da escola e envolvimento com a educação escolar

Nesse item analisamos o envolvimento e a participação dos pais com a formação escolar da criança, a partir das informações apresentadas nas entrevistas.

- 5 famílias destacaram que auxiliam nas tarefas escolares, e que esta é o compromisso mais importante da criança;

- 1 família mencionou que o compromisso da criança é de ir para escola, e cabe aos pais assegurar que isso ocorra;

- 1 família mencionou que seu compromisso é cobrar que a criança faça as tarefas da escola;

- 3 famílias não mencionaram estudo, escola ou tarefa escolar em seus relatos.

Podemos observar que a maioria dos pais mencionou que a escola é o compromisso mais importante do filho, embora tenha uma grande parcela que nem sequer mencionou a escola na rotina de seus filhos.

É possível verificar que nem sempre os pais valorizam a escola na vida de seus filhos, o que não significa que não os mandem para a escola, mas que isso represente um compromisso apenas da criança. Ela vai, estuda e volta pra casa, sem que o pai sequer lhe pergunte como foi seu dia na escola.

De acordo com Celso Vasconcelos (1994), a família deve ser orientada no sentido de perceber que tem também um importante papel para não distorcer o sentido da educação escolar. Precisa mudar sua postura de pouco envolvimento na vida escolar dos filhos. Os pais precisam se conscientizar de que a escola passará a ter valor, a partir do momento que demonstrarem isso na prática para seus filhos, com atitudes simples, como, por exemplo, perguntando-lhes o que fizeram na escola naquele dia, reservando um horário para olhar o material escolar dos filhos. Dessa maneira, a escola ocupará um espaço real na vida das famílias.

A partir do panorama apresentado, algumas considerações podem ser feitas:

- Na maioria dos casos, é a mãe quem se apresenta como principal responsável pela educação dos filhos. O pai aparece como coadjuvante nesse

processo, pela situação de que é ele quem trabalha fora (roça), e a mãe permaneceria mais em casa. E são as próprias mães que se atribuem esse papel.

Segundo Maria de Carvalho (2000), o modelo típico de ambiente familiar baseia-se numa divisão de trabalho em que a responsabilidade pelos filhos ainda recai mais sobre as mães do que sobre os pais. Vivemos ainda um momento em que os pais utilizam o argumento do trabalho para não se envolver na vida escolar dos filhos. Admitem não ter tempo para ir até a escola para saber sobre o filho, e, até mesmo em casa, não possuem tempo para dialogar com o filho sobre a escola. Conseqüentemente, as mães sofrem um acúmulo de responsabilidades: cuidar da casa, dos filhos e, em se tratando de famílias que vivem no campo, ajudar o marido nos trabalhos referentes à agricultura (na cidade geralmente as mães trabalham fora). Isso muitas vezes acaba por prejudicar o cumprimento de todas as tarefas, e a mais prejudicada, geralmente, é a vida escolar dos filhos.

Nos casos em que o pai é obrigado a assumir esse papel (pela falta da figura materna em casa), ele se sente desorientado, sente como se a cobrança pela educação tornaria a criança infeliz. Por isso, para ele fica difícil estipular regras e tenta fazer tudo para que o filho se sinta feliz. Podemos observar a fala de um entrevistado:

Ele não faz muita coisa em casa em termos de serviço, eu somente cobro que escove os dentes, lave o rosto, o resto do dia é brincar, tarefa somente a da escola que eu cobro que ele faça.⁵ (S1)

No caso das crianças educadas pelos avós, também notamos algumas diferenças. Nessa situação, observamos a necessidade dos avós de mostrar que amam as crianças apesar de não serem seus filhos. Eles não conseguem cobrar muito, as crianças são educadas com mais permissividade, acreditando-se que assim não se sentirão infelizes. Isso pode ser comprovado de acordo com as palavras do entrevistado:

É mais difícil criar um neto, eles não obedecem como os filhos. Ele não faz serviço só brinca, não batemos nele só orientamos, apesar do coitadinho não ser meu filho eu amo ele. (S2)

Para Anton Makarenko (1991), os pais não devem temer o uso de um tom firme, no sentido de saber impor limites, acreditando que, com isto, estariam em

⁵ Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa eles serão identificados com a letra S e um número conforme a seqüência de organização.

contradição com seu afeto e poderiam prejudicar ou esfriar suas relações. Segundo este autor, somente um tom formal, sério, autêntico, pode criar na família a atmosfera tranqüila para a educação correta das crianças e para o desenvolvimento do respeito e amor recíprocos entre seus membros. Isso significa que cobrar da criança responsabilidade e ter firmeza nessas cobranças, não representa falta de amor. Pelo contrário, é com essas atitudes que os pais ou avós que assumem esse papel demonstram o quanto amam seus filhos. A criança precisa ser educada sabendo que existem limites, para que, no futuro, não sofra conseqüências de algo que deveria ter sido ensinado na sua infância. Pais ou mães, sozinhos, ou avós que assumem a educação de uma criança não deveriam atribuir à diferente estruturação da família a causa de firmeza na orientação que lhe oferece.

"A infância é a esperança do adulto, pois ele tem através dela uma promessa de imortalidade que se baseia na expectativa de que seus valores tenham continuidade" (FORTUNA, 2004, p. 18). Podemos perceber que é assim que os pais compreendem a infância, pois tentam educar as crianças com a expectativa de que, no futuro, possam realizar os sonhos que muitas vezes são seus, transferindo-lhes seus próprios desejos. Acreditam que através dos filhos poderão ter sua própria realização. Nesse sentido, educam os filhos com os valores e atitudes que os guiarão rumo à realização desses sonhos.

2.4- Perspectivas das famílias quanto ao papel da escola na formação da infância

No sentido de verificar o que as famílias esperam da escola é que realizamos algumas questões e, como anteriormente já foi possível observar o que os pais almejam para o futuro dos filhos, ficou inevitável analisar a escola nesse contexto, já que esta provavelmente será sua parceira na missão.

De acordo com Anton Makarenko (1991), tudo realiza obra da educação: pais e educadores em primeiro lugar. A criança entra numa infinidade de relações e em cada uma se desenvolve incessantemente. Nessa perspectiva, podemos verificar a importância da escola e da família no processo de formação da infância, pois são essas instituições que medeiam a maioria das relações da criança com o mundo.

Devem, portanto, preocupar-se com a educação das crianças, tomando o processo em toda sua grande complexidade.

Iniciamos, então, nossa análise acerca do que os pais acreditam ser tarefa da escola na formação da infância. Quando perguntamos aos pais por que seus filhos vão para a escola, dos 10 entrevistados, 8 responderam que a escola é a garantia de um futuro melhor para as crianças, como pode ser verificado na fala de um dos pais entrevistados:

“É para ter uma vida melhor para ter estrutura de vida melhor que a da gente. Para não depender de trabalhar no pesado, pois a escola oferece a oportunidade de ter um futuro melhor, um trabalho bom sem muito esforço”. (S3)

O que pode ser observado é que futuro melhor para os pais significa ter um bom emprego, não depender da agricultura, ou de serviços mais pesados. Acreditam que a escola é a porta de entrada para a garantia desse emprego. Para eles, a vida no campo é muito sofrida, o trabalho exige muito esforço e não oferta a chance de prosperar na vida. Como afirma Miguel Arroyo (2005), a agricultura camponesa já prepara seus filhos para sair, para estes o campo aparece como lugar de atraso, onde existem mais dificuldades de se viver.

Nesse sentido, a educação tem um papel importante, que é de mudar essa visão, mostrando que o campo também é um lugar bom para se viver. É preciso que a criança conheça desde cedo as possibilidades que terá no campo e na cidade e saiba que, assim como a cidade, o campo também oferece a chance de ser bem sucedida, pois nesse espaço poderá exercer outras profissões. Não somente o trabalho da roça. Precisa saber que o campo também oferta uma qualidade de vida que na cidade já não é possível verificar, por causa do ritmo acelerado do trabalho. Portanto, assim como na cidade, no campo também poderá ter um futuro bom em todos os sentidos. Mas afinal o que precisa é desde cedo aprender a lutar por seus direitos e sua legitimidade como sujeito capaz de atuar na sociedade e transformá-la, para mais tarde poder escolher onde decidirá viver, possuindo assim uma visão das duas realidades.

Os pais depositam na escola a esperança que a mesma será a chance de seus filhos obterem sucesso na vida. Sendo assim, cresce o compromisso da escola perante a formação da infância. Nesse caso, ter sucesso na vida representa ter um bom emprego, ter bom poder aquisitivo, é a garantia de uma vida tranqüila, sem problemas.

Essa expectativa perante a escola na formação da infância já se constrói há muito tempo. Segundo Philippe Ariès (1981), os pais não se contentavam mais em pôr os filhos no mundo. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos uma preparação para a vida. Ficou convencionalizado que essa preparação fosse assegurada pela escola.

Se a escola é, para os pais, a garantia de seus filhos poderem ter um futuro melhor, perguntamos, então, o que esperavam que a escola ensinasse para seus filhos. A maioria dos pais entrevistados apontou o ensinar a ler e escrever como tarefa mais importante da escola, como se isso assegurasse um futuro melhor para seus filhos.

É possível observar nas falas dos pais que, apesar de colocarem na escola a responsabilidade pelo futuro da criança, a formação da infância não os preocupa muito. Ao argumentarem que espera da escola somente o ensinar a ler e escrever, evidenciam-nos que não se preocupam com a formação da infância, no sentido de formação omnilateral do ser, pois, como aponta Miguel Arroyo (2004), o tempo de escola produz a infância como categoria social e cultural, não apenas ensina e educa a infância. Isto significa que a tarefa da escola não é somente o ensinar a ler. Vai além, pois a infância não é algo estático, mas uma categoria que produz conhecimento, e os pais deveriam se preocupar com a forma como a escola está trabalhando com essa infância, se está preparada para atuar nesse processo. Se estivessem realmente preocupados com a formação de seus filhos, não deixariam que a escola os tratasse como mais um aluno que precisa ser apenas alfabetizado. Saberiam que seu filho merece uma escola que o respeite como sujeito que necessita de espaço para se desenvolver, que é capaz de contribuir nesse processo. A escola geralmente não oferece espaço para que as crianças expressem suas opiniões, pois sua dinâmica é a seguinte: a escola organiza o espaço educativo, e os alunos participam de modo passivo, sem direito de manifestarem suas idéias. Isso mostra como a infância é tratada na escola, e os pais aceitam como processo natural.

Os pais afirmam que a escola cumpre seu papel (o de ensinar a ler e escrever), e isso satisfaz suas expectativas com o trabalho da escola. Portanto, não apontam eventuais problemas com ela. Essa concepção dos pais de que a escola cumpre seu papel quando alfabetiza vem de sua própria formação, pois sempre acreditaram que à escola cabe esta tarefa, considerando este um processo natural.

Não são criados momentos para discussão desse papel, portanto, os pais se sentem satisfeitos. É necessário que os pais sejam instigados a rever seus conceitos, para que a infância participe de um verdadeiro processo de formação.

Como evidencia Makarenko (1981):

Todo pai e toda a mãe devem saber claramente o que é que se propõem para a educação de seus filhos, eles devem estabelecer primeiramente com clareza quais são as suas aspirações em relação aos filhos. (MAKARENKO, 1981, p.21)

Com base nessa afirmativa de Makarenko, verificamos que os pais têm como aspiração para os filhos um bom emprego no futuro, e estudar, então, representa a chance de conquistar isso, como fica claro na fala de um dos pais:

Pois quem tem estudo tem valor, mesmo sendo pobre você tem alguma chance. (S4)

“Realmente temos de falar de famílias que possuem fraco capital cultural, se o medirmos pelos diplomas e pelo número de anos de escolarização, e pela sua distância com relação à cultura dominante”. (THIN, 2006, p. 212) Nessa perspectiva, verificamos que os pais acreditam que a escola será o espaço que garantirá aos filhos formação para estarem inclusos na sociedade que valoriza a formação acadêmica. Para eles, quem não consegue atingir esse objetivo não terá espaço na sociedade.

Mas, para que o futuro que os pais almejam seja possível, seria necessário que prestassem mais atenção na infância, pois, como afirma Miguel Arroyo (2004), a infância é um tempo de cidadania, não se preparam crianças para um dia serem sujeitos de direitos, elas já são sujeito de direitos.

Isso não parece muito claro para os pais, pois eles esperam que os filhos *ainda se transformem* em cidadãos. Trata-se de uma visão da infância que não a vê como tempo/espaço de direitos. Como um lugar de sujeitos.

Diante da constatação de que para os pais a escola é a esperança de que seus filhos possam ter um futuro melhor, foi necessário saber com que frequência vão à escola. Para tal, perguntamos qual é o espaço que a escola abre para a sua participação, e a resposta foi unânime, todos responderam que são as reuniões de

pais. Apenas alguns acrescentaram que, além das reuniões, são os momentos de festividades na escola.

Geralmente, as reuniões de pais são momentos em que a escola aproveita para dar comunicados administrativos para os pais, e os professores para informarem sobre como está seu trabalho na turma e sobre o desenvolvimento dos educandos. Na maioria das vezes, são organizadas três reuniões anuais: no início do ano letivo, no final do primeiro semestre e no final do ano. São reuniões com pautas prontas, nas quais sobra pouco tempo para os pais poderem discutir algo com o professor.

Por outro lado, como os pais já sabem desse tipo de organização, muitos nem comparecem às reuniões, como pode ser percebido nas queixas habituais dos professores relativas a pouca participação nas reuniões. Dessa forma, torna-se difícil que esses momentos enriqueçam a discussão do processo de formação da infância. Outro ponto também compromete as reuniões, qual seja, os pais temem receber queixas dos professores sobre seus filhos e não comparecem para que não corram o risco de serem expostos a críticas sobre a maneira como lidam com as crianças.

Para Anton Makarenko (2002), é condenável o modo pelo qual a escola se relaciona com as famílias. Geralmente os pais são chamados quando os alunos apresentam problemas de aprendizagem ou de disciplina, e nesses encontros são acusados de educarem mal os seus filhos.

De acordo com autor, muitos dos objetivos comuns de formação da criança deveriam ser discutidos entre pais e professores, com a criação, a cada momento, de diferentes estratégias educacionais, tanto em casa quanto na escola.

Portanto, como a análise evidencia que as tradicionais reuniões de pais não dão conta desse diálogo entre pais e professores, já é momento de a escola repensar outros momentos em que os pais sintam a necessidade de ir até a escola para dialogar sobre seu filho. Por outro lado, há que se mudar a concepção dos pais de que o papel da escola é apenas o de ensinar a ler e escrever, pois as crianças passam uma grande parte de seu tempo na escola, e esta pode contribuir muito mais na formação da criança.

3- O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DA INFÂNCIA

A seguir serão analisadas as concepções de infância que a escola possui, qual a importância que atribui a essa infância. Verificaremos também o que a escola acredita ser o seu papel nessa formação e quais suas expectativas perante o papel da família nesse processo.

Será possível analisar a relação dessas duas instituições (família e escola) no processo de formação da infância, o espaço que a escola propicia para que a família venha até a escola, promovendo uma reflexão acerca dessa relação, ou seja, refletirmos sobre até que ponto está contribuindo nesse processo de formação.

3.1- Concepção que os educadores têm sobre infância e sua importância

Segundo Sônia Kramer (2006), a infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. Para a autora, crianças são sujeitos sociais e históricos. Reconhecemos que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira, entendida como experiência de cultura. Também a partir dessa concepção analisamos a seguir a concepção de infância dos educadores entrevistados, para verificar como consideram a infância.

Para esses profissionais, infância é o tempo de desenvolvimento intelectual, afetivo e social, é a base da formação da personalidade, da socialização e do conhecimento. Os educadores consideram esta a fase mais importante do desenvolvimento humano, decisiva para a formação integral da pessoa.

Podemos verificar por seus depoimentos, que os educadores consideram a infância uma fase muito importante. Eles partem de conceitos elaborados a partir de contribuições teóricas, o que significa dizer que, para falar da infância, utilizam conceitos encontrados nos livros, não trazendo sua contribuição pessoal, o que realmente acreditam ser a infância, o que sua experiência profissional mostrou.

Segundo Anelise Nascimento (2006), é preciso contribuir para desmistificar um conceito único de infância, chamando a atenção para o fato de que existem infâncias e não infância, pelos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos que envolvem essa fase da vida. Esse olhar para a infância possibilita ver as crianças pelo que são no presente, sem se valer de estereótipos, idéias pré-

concebidas ou de práticas educativas que visam a moldá-las em função de visões ideológicas e rígidas de desenvolvimento e aprendizagem.

A partir dessa concepção de infância, indagamos sobre a importância que a escola dá à infância. Observamos o relato de uma das educadoras:

A escola só existe por causa da criança. Eu acredito que a escola deveria respeitar muito essa fase da criança, por mais que a gente faça as coisas, ainda assim fica falho num contexto geral da educação. A gente esquece que criança tem que brincar, pular, quando percebemos deixamos a criança quatro horas sentada, você cai no erro de toda hora querer silêncio, sem se tocar que infância é barulho.

*A cultura é a educação do silêncio. Por isso acho que a escola não faz tudo que poderia pela criança.*⁶ (SE1)

Para os educadores, a escola tenta respeitar, mas prioriza a aparência física da escola, preocupa-se com o silêncio, o comportamento, a limpeza, mas muitas vezes esquece o essencial, que é a criança. Nessa busca de tentar organizar a escola da melhor forma as crianças são aceleradas em seus processos, sendo muitas vezes podadas. Pensa-se muito no futuro dos alunos, esquecendo-se do que é necessário fazer no presente.

Talvez a escola aja dessa maneira porque vivemos em uma sociedade que valoriza muito a aparência exterior, em detrimento da qualidade das interações educativas com as crianças. Nessa perspectiva, uma escola organizada e limpa é sinônimo de escola boa, não se considera o conteúdo, e isso também acontece com a escola. Os pais, quando vão até à escola preocupam-se se ela está limpa e organizada, dificilmente estão interessados nos projetos que estão sendo desenvolvidos visando à formação da infância.

Seria necessário que a escola não esquecesse o respeito à infância, que a criança estivesse em primeiro lugar nos projetos da escola. Se quisermos algo no futuro, é preciso que se pense o presente e, nesse processo, deve-se considerar cada criança como ser único, capaz de produzir conhecimento, e contribuir no seu processo de formação. A questão envolve, principalmente, reavaliação do significado dos profissionais sobre a organização escolar. Ou seja, há que se pensar essa organização, em função da programação de atividades e ambientes educativos, não apenas de organização do aspecto exterior dos espaços da

⁶ Para preservar a identidade dos educadores entrevistados usaremos as letras SE e um número conforme a seqüência de organização.

instituição. Os próprios espaços devem ser organizados em função de seu papel educativo, não somente da aparência física. É nesse sentido que entendemos a afirmação de Makarenko (2002) de que:

A única tarefa organizativa digna da nossa época pode ser a criação de um método que, sendo comum e único, permita simultaneamente que cada personalidade independente desenvolva suas aptidões, mantenha a sua individualidade e avance pelo caminho. (MAKARENKO, 2002, p.274)

3.2- Visão da escola sobre seu papel na formação da infância

De acordo com Anelise Nascimento (2006), refletir sobre a infância em sua pluralidade dentro da escola é pensar nos espaços que têm sido destinados para que essa possa viver esse tempo de vida com todos os direitos e deveres assegurados, assumindo o desenvolvimento integral da criança e comprometendo-se com ela.

Nesse sentido, os profissionais entrevistados afirmaram que a escola tem como principal preocupação a alfabetização e o repasse de conteúdos, seguido da preocupação com a formação pessoal das crianças, desenvolverem a cidadania para que se possa atuar na sociedade com mais consciência. Vejamos um desses depoimentos:

A gente tem na cabeça que é alfabetizar em primeiro lugar, ensinar os conteúdos escolares, e esquece da formação pessoal, de trabalhar a convivência, os costumes, valorizar a família, de relacionar com a vida da comunidade. Só pensamos na alfabetização em ficar passando conteúdo, mas se pensarmos um pouco quem de nós lembra dos conteúdos ensinados na infância. (S2)

A partir dessas considerações, é preciso analisar se a escola realmente está preocupada com a infância, com suas especificidades. Fica claro que a formação pessoal está em segundo plano, como se fosse possível separar as coisas, criar dois momentos na escola, um da aquisição do conhecimento, outro da formação das crianças.

De acordo com Anelise Nascimento (2006), também é papel da escola o desenvolvimento integral da criança, devendo considerar como dimensão do conhecimento: a dimensão afetiva, ou seja, as relações com o meio; a dimensão cognitiva, construindo conhecimentos por meio de trocas; a dimensão social,

freqüentando não só a escola como também outros espaços de interação; e a dimensão psicológica, atendendo suas necessidades básicas.

Nesse sentido, como afirma a autora, faz-se necessário definir caminhos nos espaços escolares que favoreçam o encontro da cultura infantil, em que as crianças possam recriar as relações da sociedade na qual estão inseridas e expressar suas formas de ver e de significar o mundo.

De acordo com Adriana Friedmann (2004), os educadores se acostumaram a abraçar uma teoria que lhes dá apoio e têm dificuldade de olhar para dentro de si e para as crianças com as quais convivem diariamente. Não as crianças dos livros e das teorias, mas aquelas de carne, osso e alma que os escolheram para aprender alguma coisa e para ensinar-lhes outras tantas lições, se puderem ouvi-las.

Como argumentou uma das educadoras entrevistadas:

“Precisamos nos colocar no lugar da criança, e verificar quais são as lembranças que temos da escola, serão os conteúdos que os professores nos ensinaram?” (SE3)

É necessário então que a escola repense o papel que vem desempenhando, analisando se a forma como vem agindo atinge seus objetivos no que diz respeito à formação da infância, se realmente está em busca do resgate de uma infância com alma e significado, em que haja preocupação em ouvi-la profunda e verdadeiramente.

Para Sônia Kramer (2006), é preciso que a escola restabeleça com a criança os laços de caráter afetivo, ético, social e político. Para a autora, as crianças têm o direito de estar numa escola estruturada, que garanta o atendimento de suas necessidades básicas em outras esferas da vida econômica e social, favorecendo mais que uma escola digna, uma vida digna.

3.3- Visões da escola sobre o papel da família na formação da infância e a relação das duas instituições

Para os profissionais entrevistados, o principal papel da família é o ensino dos valores para a criança, tais como: respeito, educação, regras de convivência. Para esses profissionais, as crianças deveriam chegar à escola com esses valores pré-estabelecidos. Consideram ser os pais os responsáveis pela formação da criança. Quando essas não apresentam comportamentos que mostrem essa formação, os

pais são considerados ineficientes no cumprimento de seu papel. Portanto, a eficiência dos pais na formação da infância é observada através do comportamento que seus filhos apresentam na escola. Crianças que apresentam esse perfil de comportamento são consideradas autônomas no processo de aprendizagem, pois facilitam o trabalho escolar. Quando esse processo não ocorre, existe um distanciamento entre o que a escola espera que os pais façam e o que as famílias proporcionam na formação da infância, oportunizando um confronto de expectativas entre essas duas instituições.

Segundo Thin (2006),

A escola hoje valoriza a autonomia, entendida como a capacidade de as crianças comportarem-se, por si mesma de acordo com as regras da vida escolar e, de modo mais amplo e social. A autonomia (forma de autocontrole) assim concebida é não apenas buscada, mas às vezes também esperada pelos professores que gostariam que seus alunos fossem autônomos desde o momento em que entram na sala de aula. Desse ponto de vista, as práticas dos pais, apreendidas por meio do comportamento de seus filhos, ou diretamente, nos encontros com os professores, parecem para estes, muito distanciadas das práticas que desenvolvem a autonomia das crianças. (THIN, 2006, p.218)

A partir dessas considerações, podemos observar que a escola, hoje, quer que a família se responsabilize pelo ensinamento de valores, como respeito e responsabilidade, acreditando que desta forma o trabalho escolar se torna mais fácil, pois trabalhar com crianças preparadas em casa as torna autônomas no processo de aprendizagem, diminuindo assim o compromisso do educador. Isso é possível de ser verificado nas palavras da educadora a seguir:

É preciso que a família oriente e dê segurança à criança, sendo assim a criança estará pronta para enfrentar o universo escolar. (SE4)

Segundo os entrevistados, a família é a base da formação da infância, por isso deve trabalhar em conjunto com a escola.

Perguntamos, então, como está o relacionamento da escola com as famílias, e foram apontadas algumas dificuldades nesse relacionamento:

- Pouca participação dos pais na escola;
- Falta de compromisso;
- Família joga toda responsabilidade na escola.

Podemos verificar, nesse ponto, que existe um paradoxo no que a família aponta como espaço que escola abre para sua participação, e como a escola espera

que seja essa participação. Para as famílias, sua participação nas reuniões já prova seu compromisso com a vida escolar dos filhos, sendo esse o espaço que apontaram para sua participação na escola. Dessa maneira, acreditam estar cumprindo seu papel. Por outro lado, a escola quer mais que isso. Espera que os pais participem em outros momentos, que venham até a escola para dialogar com os educadores. Essa falta de visitas à escola demonstra uma falta de compromisso com a formação dos filhos. Mas, para os pais, basta que a escola alfabetize seus filhos que já estará cumprindo seu papel. E isso faz com que acreditem que essa responsabilidade seja da escola, e que eles não têm compromisso com isso, não por serem desleixados com a vida escolar dos filhos, mas por acreditarem que têm pouco a contribuir nesse processo. Fica evidente a necessidade de que a escola reveja seus conceitos, tentando melhorar o diálogo com os pais.

Nesse sentido, os educadores entrevistados apontaram algumas ações das famílias para melhorar essa relação, que seriam:

- Os pais participem do dia-a-dia na sala de aula;
- Mais diálogo entre os professores e os pais para que o professor possa perceber seus erros.

Se existe a necessidade de uma participação maior dos pais na escola, indagamos, então: qual é o espaço que a escola abre para a participação dos pais? Verifiquemos o relato de uma das educadoras entrevistadas:

Eu acho que a escola mudou muito nesse sentido, sei também que tem muito para avançar. Tinha que ter uma participação mais ativa, de estar passando na frente da escola e pensar, vou chegar para ver como está meu filho. Os pais ainda têm medo de chegar à escola, e às vezes esse medo é recíproco. Por isso acho que os pais deveriam tomar mais a escola como sua, amar mais a escola, participar mais. Tinha que ser a sala de aula aberta e o pai poder entrar a hora que quisesse. Assim o pai conheceria mais a escola e não viria somente quando chamado ou para fazer reclamações. Falta os pais se conscientizarem mais sobre o espaço que podem ter na escola. Em teoria a escola está aberta, falamos bonito e fazemos pouco. A escola participa pouco da vida da comunidade. O que acontece na realidade são as reuniões e festas comemorativas. A escola também deixa a desejar. (SE5)

Em suma, acredita-se que a escola está aberta para que os pais participem no momento que desejarem, mas esse hábito não foi criado. A mudança desse

quadro exige um planejamento diferente por parte da escola. É importante que a escola não negue seu papel diante da formação da infância, pois:

A construção da forma escolar participa de maneira central da instauração de uma nova relação com a infância, de uma nova forma de socializar. A criança é constituída como um ser específico que surge de uma ação específica, distinta das outras atividades sociais, que chamamos educação. A separação da infância que se realiza preferencialmente nas escolas é uma separação social que constitui uma categoria etária, progressivamente desmembrada em subcategorias, sobre a qual deve ser exercida a ação educativa, ação especializada que requer competências específicas. (THIN, 2006, p. 219)

Essas considerações afirmam o sentido de que a infância precisa ser repensada por estas duas instituições que acreditam estar realizando o melhor trabalho na sua formação. Pelo que pode ser percebido, no entanto, ainda exige preparação das instituições e mais diálogo para que no futuro a aspiração das famílias de um futuro melhor para as crianças se realize.

Para considerar a infância em toda sua dimensão é preciso que essas duas instituições avancem em seus diálogos, mostrando um interesse maior na formação da infância, demonstrando assim que é possível a construção de uma nova sociedade que possibilite a existência de espaços reais de formação para suas crianças e acredite nas suas potencialidades.

4- Olhares da escola e da família sobre a infância: considerações finais

As reflexões desenvolvidas mostraram a grande contradição que existe na relação escola e família para a formação da infância. A pesquisa mostrou pais preocupados com o futuro de seus filhos, mas não dando importância para o presente, acreditando que a escola que alfabetiza cumpre seu papel, como se isso fosse garantia de uma formação. Por outro lado, foi possível verificar uma escola que fala bonito de infância, porém, na prática, valoriza muito mais o espaço físico do que os sujeitos que ali estão envolvidos.

Nesse sentido, é possível observar que ainda não se conseguiu constituir um espaço de real valorização da criança nas duas instituições – escola e família. O discurso que presenciamos é belo, porém, quando analisamos mais profundamente, observa-se certo descaso com essa infância. O texto mostrou que, no passado, as crianças não tinham voz ativa, eram consideradas como adultos em miniatura. Com o passar do tempo, foi se tentando resgatar o valor dessa infância, mas o que podemos perguntar hoje é: até que ponto família e escola respeitam essa infância? Que papel de sujeito concedem à criança, se ela ainda é preparada para “ser cidadão no futuro”?

Durante o trabalho, nota-se que é preciso muito mais diálogo entre família e escola, pois se deve levar em consideração a totalidade do ser humano da infância, não se trata de simplesmente alfabetizar. A infância não pode ser resumida a um conceito único, é necessário considerar o espaço onde está inserida, para posteriormente poder conceituá-la. Sendo assim, família e escola precisam parar e, juntas, analisar a infância que atendem, tentando buscar formas de melhorá-la.

Para que existam mudanças, o diálogo entre essas instituições parece imprescindível, mas é preciso mudanças na oferta de espaços de discussões, que devem ir além das tradicionais reuniões de pais. É urgente que a escola mude sua postura e tente mudar essa realidade, buscando alternativas que atraiam os pais até a escola, mostrando para os mesmos que criança precisa ser respeitada, e que é dever dos pais discutir o presente das mesmas para conseguir bons resultados no futuro. Também cabe à escola a criação de um ambiente em que a infância possa

ser vivida em toda a sua plenitude, em que se possa criar a identidade dessa infância, observando suas especificidades, se de infância do campo ou da cidade.

Nesse caso, a análise se pautou no estudo de uma realidade do campo, mas para a qual, em momento algum, a escola demonstrou preocupação. As famílias só manifestaram o desejo de que os filhos cresçam e possam ter um emprego longe dali, considerando a sua vida sofrida, não deixando a oportunidade para que os filhos possam decidir. Nota-se um dado que mostra o desrespeito com a infância, tratada igualmente seja qual for o espaço onde esteja inserida e sem preparo para exercer o poder de decisão sobre seu futuro.

A escola contribui nesse sentido, quando transfere as formas de organização da escola da cidade para a escola do campo, não demonstrando interesse pelas especificidades dos sujeitos envolvidos nesse processo. É preciso que escola e família avancem nesse sentido, repensando uma nova forma de organização escolar, que considere as formas de viver a infância do campo, para que esse possa realmente existir como espaço onde se pode viver com qualidade de vida e possibilidades de um futuro bom. Caso contrário, caminhamos para um esvaziamento do campo, com os sujeitos indo para as cidades, acreditando que somente lá podem conseguir realizar seus anseios.

Observa-se aqui um sinal de alerta sobre a necessidade de um novo olhar sobre a infância. Um olhar que a veja como capaz de produzir conhecimento, cultura, capaz de interagir com o adulto e apontar caminhos para melhorar seu processo de formação. Somos convidados então a refletir sobre o que acontece dentro e fora da escola, podendo analisar que formação está recebendo essa infância.

Desse modo, reafirmamos o papel da escola em trazer esse debate com os pais, para que sejam revistas as concepções de infância que possuem, e, nesse processo acabar com o jogo de empurra-empurra sobre a responsabilidade com a formação da infância que existe hoje, conscientes de que em contextos em que os direitos da criança não são assegurados, elas enfrentam situações que comprometem seu processo de formação. Nessa dinâmica, é necessário que a escola insira as crianças nos diálogos com os pais, criando um espaço em que ela possa expressar seus desejos e anseios e, posteriormente discutir a viabilidade de sua realização.

Nesse contexto de discussões, aponta-se a necessidade de união dessas duas instituições na busca de políticas públicas que favoreçam a formação da infância em sua plenitude. Não somente com documentos que afirmem isso, mas com ações práticas que garantam à criança voz ativa na sociedade, que as preparem para serem capazes de discutir o que querem para si, para que não fiquem à mercê da sociedade, que tenta a todo o momento deturpá-la através da mídia, e de outros espaços que a usa como alvo do consumismo. Caso isso não aconteça, a criança estará abandonada a sua própria sorte e aprenderá com os estímulos do contexto, pois este se tornará o único educador.

Para mudar essa realidade, a infância precisa ser valorizada no sentido amplo da palavra, não só com discursos inoperantes. Se tratarmos de uma infância do campo ou da cidade, é necessário respeitar suas especificidades, pois a realidade em que a criança do campo está inserida é uma, e a da cidade é outra. Esses dois espaços se diferenciam na dinâmica de sua organização. As crianças do campo vivenciam uma outra realidade, como foi possível verificar no depoimento dos pais sobre a rotina dos filhos. São crianças que aprendem desde cedo o significado do trabalho, que precisam enfrentar uma jornada nos ônibus escolares (quando a eles têm acesso, quando não, caminham longas distâncias) para chegar até a escola, e, no entanto, essa não parece estar preocupada com tal realidade.

As escolas, ainda hoje, trabalham com currículos iguais para essas duas realidades, e os pais, que poderiam cobrar mudanças, não demonstram nenhuma preocupação. Por isso a necessidade de grandes mudanças na postura dessas duas instituições, para que a infância possa ter seu espaço garantido e respeitado.

Como tratamos de uma realidade de assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, vale considerar, também, a necessidade do Movimento contribuir nessa realidade, ativando sua participação na escola, mas, principalmente, na formação e articulação dos pais em relação às necessidades educativas da infância.

Não tivemos a pretensão de dar receitas prontas para relação da escola e da família no que se refere à formação da infância, mas de provocar uma reflexão acerca do assunto, pela qual pudéssemos verificar como está a infância nos dias de hoje e qual espaço que ocupa. O desafio é grande, pois exige muitas mudanças na visão de infância que temos, e de que esta passe realmente a existir no contexto

escolar e familiar, mas é possível iniciar o diálogo para o encontro dos olhares da escola e da família sobre a infância.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, Phillipe. **A história social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **A escola do campo e a pesquisa do campo, Metas da educação do campo e pesquisa**: questões para reflexões, p.104-116.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Imagens quebradas**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2004.
- CARVALHO, Maria E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de Pesquisa, n.110, p.143-145, julho/2000.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FORTUNA, Tânia R. **A reinvenção da infância**. Pátio Educação Infantil, Ano II n. 6, Dezembro 2004/Março 2005.
- FRIDEMANN, Adriana. **O que é infância**. Pátio Educação Infantil, Ano II, n. 6, Dezembro2004/Março2005.
- KRAMER, SÔNIA. **A Infância e sua singularidade**. Ensino fundamental de nove anos: orientações pra a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Estação Gráfica, 2006.
- LEUDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko vida e obra – a pedagogia na revolução**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
- LIMA, Elvira de Souza, **Ciclos de formação em educação uma reorganização do tempo escolar**. São Paulo: Sobradinho, 2002.

MAKARENKO, Anton S. **Conferências sobre Educação Infantil/ A. Sr. Makarenko**, apresentação de Wagner Gonçalves Rossi, tradução de Maria Abelaira Vizotto. São Paulo: Moraes, 1981.

MAKARENKO, Anton S. **Livro dos Pais**: primeiro volume. Lisboa, Horizonte Pedagógico, 1981.

NASCIMENTO, Anelise M. **A infância na escola e na vida**: uma relação fundamental. Ensino fundamental de nove anos: orientações pra inclusão da criança de nove anos de idade. Brasília: Estação Gráfica, 2006.

SARMENTO, Manuel M. **Essa criança que se desdobra**. Pátio Educação INFANTIL, Ano II, n. 6, Dezembro 2004/MARÇO 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

THIN, Daniel. **Para uma análise das relações entre famílias populares e escola**: confrontação entre lógicas socializadoras. Revista Brasileira de Educação v.11, n32, maio/agosto2006. p. 211-224.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Relação escola-família**: da discussão à interação educativa. In: Revista da AEC (93). Brasília: AFC, 1994.

VIGOTSKI, Lev Semenovich, 1896-1934. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/ L. S. Vigotski, organizadores Michel Cole, tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Nenna Barreto, Solange Castro Afeche – 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

Anexo 1 – Organização das turmas e formação dos profissionais da escola

| Turma/Idade | Formação do professor que atua na turma Nível superior | Especialização |
|---------------------------------------|---|-------------------|
| Educação Infantil 5 anos | Cursando Pedagogia | |
| 1º ano da infância 6 anos | Cursando Pedagogia | |
| 2º ano da infância 7anos | Pedagogia | Educação Especial |
| 3º ano da infância 8 anos | Curso Normal Superior | Psicopedagogia |
| 1º ano da pré-adolescência 9 anos | Curso Normal Superior | Educação Especial |
| 2º ano da pré adolescência 10 anos | Curso Normal Superior | Educação Especial |

Fonte: Dados da pesquisa, 2007.

Anexo 2. Roteiro das entrevistas com as famílias

- 1- Como é o dia-a-dia do seu filho em casa (o que faz seus horários)? Quem determina seus horários, seus afazeres?
- 2- Qual é o seu papel na formação das crianças?
- 3- Por que seu filho vai para a escola?
- 3.1- O que espera que as crianças aprendam na escola e qual a responsabilidade da mesma na formação da criança?
- 3.2- Qual a coisa mais importante que a escola deve fazer para a criança?
- 3.3- Qual que a escola faz?
- 4- A escola esta cumprindo seu papel hoje?
- 5- Qual é o espaço que a escola abre para a participação dos pais?
- 6- O que esperam para o futuro do seu filho?

Anexo 3. Roteiro das entrevistas com os profissionais da escola

- 1- O que você compreende sobre infância? Qual é a importância hoje da mesma no espaço escolar?
- 2- O que consideram ser o papel da escola na formação da infância?
- 3- Qual é papel da família na formação da infância?
- 4- Na relação com as famílias hoje, a escola encontra alguma dificuldade? Quais? Qual é a maior? Qual é a parte mais fácil na relação da escola com a família?
- 5- Qual é o espaço que a escola abre para a participação dos pais hoje? Em que momentos eles participam?